

Escritas de mulheres: confissões de condição e emancipação da mulher em “A mulher desiludida”, de Simone de Beauvoir

Andrezza Rakell Marques dos Santos*

Resumo: Desde o nascimento, a mulher é exposta a imposições do patriarcado. Enquanto o homem é criado para o trabalho formal e para o espaço público, a mulher é criada para o privado, o casamento e a maternidade. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a questão da conquista da emancipação da mulher diante de uma sociedade patriarcal no conto “A mulher desiludida”, de Simone de Beauvoir (2015). Com fundamentos teóricos baseados na história e condição das mulheres brancas em Perrot (2006) e em Beauvoir (2016); de gêneros confessionais em Foucault (1992) e Lejeune (2008); e na escrita da mulher em Woolf (2014), Castello Branco e Brandão (2004), Rich (1982) e Showalter (1977), a análise segue para questões de opressão e de independência e emancipação da mulher, e em como é importante a construção de uma identidade feminina para a liberdade, numa pesquisa bibliográfica sob a perspectiva da crítica feminista em literatura. O conto “A mulher desiludida” vai explorar o aspecto do casamento e da maternidade, a partir das vivências de uma mulher de 44 anos, traída e totalmente dependente emocional e financeiramente do marido. A partir do sofrimento da traição, a narradora-personagem Monique revela desde a autopunição e autodepreciação à busca de emancipação. Assim, percebemos que a escrita de mulheres para mulheres pode desencadear a busca pela liberdade para outras, a partir desse compartilhar de experiências.

Palavras-chave: Escrita da mulher; Crítica feminista; Escrita de si; “A mulher desiludida”.

Abstract: From birth, women are exposed to impositions from patriarchy. While men are raised for formal work and public space, women are raised for private, marriage and motherhood. Therefore, the aim of this article is to analyze the issue of the achievement of women's emancipation in the face of a patriarchal society in the short story “A woman destroyed”, by Simone de Beauvoir (2015). With theoretical basis focused on the history and condition of white women in Perrot (2006), and in Beauvoir (2016); on confessional genres in Foucault (1992), and in Lejeune (2008); and in women's writing in Woolf (2014), Castello Branco and Brandão (2004); Rich (1982), and Showalter (1977), the analysis goes on to issues of oppression and independence and emancipation of women, and how important it is to build a female identity for freedom, in a bibliographic research from the perspective of feminist criticism in literature. The short story “A woman destroyed” will explore the aspect of marriage and motherhood, from the experiences of a 44-year-old woman, betrayed and totally emotionally and financially dependent on her husband. From the suffering of betrayal, the narrator-character Monique reveals everything from self-punishment and self-depreciation to the search for emancipation. Thus, we realize that women's writing for women can trigger the search for freedom for others, based on this sharing of experiences.

Keywords: Woman's writing; Feminist criticism; Self writing; “A Woman Destroyed”.

* Artigo produzido como requisito para a conclusão do Grupo de Estudos *Leituras de Mulheres Contemporâneas de Literaturas de Língua Inglesa 2019*, da UFPE/UFRPE-UAG, coordenado e orientado pela Prof^a. Dr^a. Monaliza Rios Silva, do Curso de Licenciatura em Letras.

1. Introdução

A opressão da mulher na sociedade patriarcal é, ainda, motivo de luta, protestos e polêmica. O comportamento, a forma de se vestir, o trabalho, a maneira de pensar, o controle do corpo (menstruação, prazer sexual, contracepção, aborto, gravidez etc.), enfim, a existência da mulher tem sido controlada e regulamentada pela estrutura do patriarcado. Se, consensualmente, algumas mulheres são vistas, desde tempos remotos, como dependentes do homem, considerado, por sua vez, provedor e protetor, em contrapartida, Beauvoir (2016, p. 7) afirma que:

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de ser apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais.

A educação feminina tem sido, paradigmaticamente, baseada na estrutura patriarcal, consolidada de geração em geração, sendo o comportamento moldado a um modelo feminino ideal. A recompensa? Um bom casamento. Era no seio do lar que a mulher tinha sua, digamos, liberdade. Ela podia comandar sua cozinha e seus filhos, mas diante do público, frente à sociedade, ainda era silenciada.

Michelle Perrot (2006), historiadora francesa que se empenhou nos estudos sobre a história das mulheres, percebe o quanto o papel da mulher na sociedade era invisibilizado. Essa invisibilidade decorre do fato de as mulheres serem restritas ao âmbito do privado, do lar, como esposas e mães. Desta feita, a historiadora dedicou três décadas de sua vida a pesquisas e escritas sobre/de mulheres fazendo uso da autonomia que podiam ter, atuando como escritoras de suas próprias histórias. Até o século XIX, os relatos sobre mulheres eram escritos, majoritariamente, por homens, de modo que as mulheres eram representadas como idealizações masculinas. Perrot aborda justamente essa invisibilidade, esse silêncio de relatos femininos, cujas representações eram, na maioria das vezes, escritas por homens.

O espaço público era de domínio masculino e poucas mulheres se atreviam a ocupar esse meio. Perrot também aborda o corpo, questão central da crítica feminista francesa: “os corpos femininos foram subjugados, dominados, violentados das mais diversas formas” (PERROT, 2006, p. 132). O corpo feminino era colocado como meio de satisfação sexual e reprodução. A menstruação era tida como impura, sendo motivo de segredo e vergonha. Quanto aos estupros, as leis que condenavam os abusadores eram falhas e tardias. Perrot (2006, p. 127) aborda ainda a plenitude da feminilidade: “reduz as mulheres aos deveres conjugais, à dependência sexual e à maternidade”.

A luta pelos direitos civis, sociais e políticos e suas conquistas foram consequência de acontecimentos de grande impacto social, tais como as duas guerras mundiais e os manifestos feministas de grande repercussão. Posto isso, “com a ação das guerras, caem por terra os discursos que até então privaram as mulheres da igualdade de direitos” (PERROT, 2006, p. 52). Com a ação das manifestações feministas, as mulheres ganham voz própria para lutar por seus direitos.

O objetivo deste artigo, portanto, é analisar a questão da conquista da emancipação da mulher diante de uma sociedade patriarcal no conto “A mulher desiludida”, publicado em livro homônimo, de Simone de Beauvoir, em 1967. Ao abordar o conto “A mulher desiludida”, baseamo-nos nos preceitos que Beauvoir apresenta em seu ensaio “A mulher independente”, publicado no segundo volume de seu livro, seminal para os estudos feministas do século XX, *O segundo sexo: a experiência vivida*, de 1949. Assim, intencionamos trazer reflexões sobre o tema a partir da análise de gênero da personagem Monique no referido conto.

Através de apreciações da historiadora Michelle Perrot (2006), pudemos perceber os contextos sócio-histórico, cultural, econômico e político que beneficiavam os homens na sociedade moderna e eurocêntrica. Somado a isso, percebemos em Hélène Cixous (2009), em seu ensaio fundamental para a crítica literária feminista – *O riso da Medusa*, de 1976 – que a escrita da mulher incorpora o campo do privado e revela o invisível, através da ótica da autorrepresentação feminina. Além disso, lançamos mão da crítica feminista em literatura em autoras como: Woolf (2014); Castello Branco e Brandão (2004); Rich (1982); e Showalter (1977) para fundamentar nossas apreciações do *corpus*. Sendo assim, Monique, protagonista do conto em análise, apresenta relatos, em tom confessional, das vivências e experiências de uma vida invisibilizada que, metonimicamente, representa a vida de muitas mulheres da segunda metade do século XX.

2. “A mulher desiludida” e a escrita confessional de mulher

O livro de contos *A mulher desiludida*, de Simone de Beauvoir, é composto por três histórias de mulheres diferentes, cada uma delas vivendo seus problemas e lidando com eles à sua maneira. O conto escolhido foi o último, cujo título nomeia o livro, “A mulher desiludida”. O motivo da escolha se deve ao fato de a personagem apresentar, metonimicamente, em relatos, as vivências e experiências de mulheres de sua época, fatos que condizem com o foco desta pesquisa.

A desilusão aludida no título do livro remete à tristeza, à decepção, à destruição de perspectivas que uma pessoa projeta para a própria vida e, talvez, traduz o que essas mulheres transmitem para nós nesses contos: uma realidade contada sem floreios ou representações enviesadas, visto que contada pela perspectiva de quem as vive, as

mulheres. O título original, em francês, é *La femme rompue*. *Rompue* significa quebrada, destruída, o que condiz com a tradução para o inglês: *The woman destroyed*.

“A mulher desiludida” é um conto narrado em forma de diário, em que a narradora apresenta os fatos ocorridos em seu dia a dia, seus pensamentos e emoções. Pode ser caracterizado como uma escrita de si (FOUCAULT, 1992), pelo fato de a narradora expor seus pensamentos, sob a perspectiva da confissão (LEJEUNE, 2008), ao ponto de mais à frente se envergonhar de suas declarações. Segundo Foucault (1992, p. 130), a escrita de si transmite não somente os atos, mas também os sentimentos mais íntimos, mais ocultos, pois “ela deve revelar todos os movimentos da alma”. Tal fato vai ao encontro do que a narradora-personagem Monique transmite em suas anotações diárias.

Para Philippe Lejeune (2008), em textos cujo discurso (re)vela a identidade de quem escreve, a situação do autor é estabelecida através da posição do narrador. Sendo escrito na primeira pessoa do discurso, muitas leitoras podem se identificar com as vivências de Monique, o que aproxima ainda mais a escrita de si da confissão. Assim, é conferido ao conto em questão o caráter de aproximação entre quem escreve e quem lê. Desta feita, entendemos que os pensamentos e os sentimentos de Monique narrados funcionam como uma metonímia da vida de muitas mulheres.

E é exatamente a escrita feminina que demonstra esse poder de independência. Quando a mulher pega uma caneta e coloca em um diário suas experiências, seus temores, seus anseios, suas paixões e frustrações, ela dá o poder a outras mulheres, ela estimula que outras mulheres tentem se libertar de alguma forma. No caso da escrita, a liberdade vem pela quebra de silêncio: “Ela tem de escrever a si própria, porque esta é a invenção de uma nova escrita insurgente que, quando o momento da sua libertação chegar, lhe permitirá realizar as indispensáveis rupturas e transformações em sua história” (CIXOUS, 2009, p. 412).

A escrita da mulher para mulheres e sobre mulheres é poderosa e pode ser capaz de causar reflexões. Para tanto, Virginia Woolf (2014 [1929]), em seu célebre ensaio *Um teto todo seu*, afirma que toda mulher precisa de um lugar seu e uma reserva financeira para escrever e se inscrever. Consequentemente, a escrita da mulher potencializa o discurso confessional, retirando o privado da clausura e conferindo à palavra da mulher poder e resistência para si e para outras mulheres, ou seja, a conquista da independência.

As pesquisadoras Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão, em *A mulher escrita*, de 2004, investigam a natureza da escrita da mulher como uma perspectiva feminina da realidade e põem em xeque a representação da mulher pela ótica do homem. Em uma abordagem da crítica feminista, sob viés da psicanálise, as estudiosas sugerem um revisionismo na escrita ocidental, sob a perspectiva da mulher, investigação já proposta por Adrienne Rich, em *When we dead awaken: writing as re-vision*, de 1971.

A pesquisadora Elaine Showalter, em seu *A literature of their own*, de 1977, relata que a escrita de mulheres deve ser resgatada e estudada como categoria de análise. A crítica feminista propõe a ginocrítica, em que a crítica literária deve ser centrada na questão da mulher como forma de ler a sociedade. Desta feita, ao trazer a análise do conto “A mulher desiludida”, o foco de investigação da análise é a categoria de gênero, de forma a refletir a condição de opressão da mulher e sua inscrição na história, e a crítica político-cultural, no escopo dos estudos culturais.

3. Monique: a esposa-mãe (in)dependente em “A mulher desiludida”

Monique é a narradora que escreve seu diário como forma de amenizar sua solidão. Ela passa os dias em casa, enquanto Maurice, seu esposo, trabalha. Além de esposa, Monique também é mãe de duas moças que não vivem mais com ela. Uma filha, Colette, já casada, segue todos os conselhos da mãe e, de acordo com os relatos maternos no diário, “segundo sua própria vontade” (BEAUVOIR, 2015, p. 122). A outra filha, Luciene, é considerada a “ovelha desgarrada”. A mãe, Monique, acredita que Luciene não a ama porque a filha não quer seguir os mesmos passos da irmã. Pelo contrário, parte para investir em sua carreira de estudos. Embora se sinta distante de suas filhas, Monique sempre procura saber notícias delas.

Percebemos, na comparação das duas filhas, que uma reproduz os padrões de comportamento esperado de uma mulher, seguindo os ensinamentos da mãe, e outra subverte esse sistema e rompe com o privado – não se casa – e avança no campo do público, ao investir em seus estudos. À mãe cabe se lamentar, visto que a filha quebra com o modelo preestabelecido, fato que pode questionar o sucesso da mãe em criar suas filhas, sugerindo uma suposta “falha” em cumprir com seu papel: o de mãe.

Quanto ao casamento, o relacionamento de Maurice e Monique é claramente descrito como tranquilo. Porém, Maurice demonstra mudança de comportamento, o que deixa a esposa reflexiva. Note-se que Monique retrata a si mesma nas funções de mãe e esposa, o que revela suas vivências no privado, sem nenhuma outra interação ou “função social” para além do casamento e da maternidade. A instituição casamento é abalada quando Monique revela que Maurice admite a estar traindo, embora o casamento não se dissolva. A instabilidade do sacramento cristão é metaforizada na narrativa-confissão de Monique, que admite não se controlar e voltar a ter uma vida tranquila.

Desta feita, com a “falha” na criação da filha que não segue os preceitos de mulher e com a instabilidade de seu casamento, a mulher desiludida sucumbe e revela: “quando se vive de tal maneira para os outros é um pouco difícil começar a viver para si” (BEAUVOIR, 2015, p. 97). O que fica claro é que a traição significa uma quebra de contrato, a quebra de um projeto de vida, planejado, no entanto, apenas para a mulher. Monique, então, passa a

refletir sobre onde ela poderia ter errado, uma vez que, hipocritamente, a sociedade cobra da mulher o malogro com o marido e com a filha, como se coubesse a ela agir pelos outros.

Essa sociedade é representada no conto pelo marido, já que ele a culpa de ter sido uma mãe superprotetora ou de não ter optado por ter um trabalho. Apesar disso, Monique parece resignar-se e aceitar as cobranças do marido, conforme se vê em: “Amei-o sem garantias. Renunciei a uma carreira. Não me arrependo de nada, aliás” (BEAUVOIR, 2015, p. 132). A ironia dos relatos é estabelecida quando, adiante, Monique confessa se arrepender de ter escrito o diário, o que reforça a questão da proibição da fala da mulher, numa sociedade que relega a mulher ao silêncio.

Monique se apresenta como uma mulher completamente dependente emocional e financeiramente. Podemos perceber, a partir da personagem, o quanto ela se apegua a pequenas esperanças, pequenos sinais de Maurice. Ela se agarra a qualquer possibilidade de volta, demonstrando sua dependência emocional. Consola-se com pequenas migalhas, como se ela não merecesse o amor e o respeito do homem com quem casara. E Maurice sabe bem como jogar. Ele assume a traição, mas não quer falar sobre isso. Não admite cobranças e, sempre de forma dissimulada, consegue reverter a situação ao ponto de Monique se sentir culpada. Ela mantém um relacionamento “abusivo” porque não é dada à mulher a escolha do divórcio, pois há o princípio cristão da indissolubilidade do casamento. “É a duplicidade do marido que destina a mulher a uma infelicidade de que ele se queixa em seguida de ser vítima” (BEAUVOIR, 2016, p. 272).

Maurice demonstra ser um marido manipulador. Ele brinca com os sentimentos de Monique e não decide o que quer: “– Não quero perder você. Não quero também renunciar a Noëllie. Quanto ao resto nada sei” (BEAUVOIR, 2016, p. 141). Ou seja, ele não abre mão de nenhuma delas. A Monique cabe o silêncio e a aceitação. Caso haja alguma retruca da parte da esposa, Maurice encara como “implicância” e ameaça sair de casa por considerar o fato insuportável: “Até sua gentileza, o seu silêncio me desola” (BEAUVOIR, 2016, p. 164).

Em seus relatos, Monique destaca que o marido quer que ela trabalhe, mas ela se recusa, certamente pelo fato de que o trabalho tomaria seu tempo de dedicação ao lar. A criação das filhas era para ela algo que deveria ser de total dedicação. A recusa da narradora-personagem demonstra a dupla jornada de trabalho conferida às mulheres, quando elas começam a assumir o espaço público. Do homem não é cobrado o possível “fracasso” na criação dos filhos, o que se potencializa por se tratar de duas filhas. Tal fato nos leva a refletir se é realmente dada à mulher esse poder de escolha.

A protagonista é uma mulher que tem muito conhecimento, e que abriu mão do trabalho externo para se dedicar às filhas e ao marido. Em todo o conto, pode-se perceber o quanto ela se preocupa em saber se ainda é inteligente, se os outros a veem inteligente: “De qualquer modo, perguntei-lhe se me achava inteligente. Sim, certamente” (BEAUVOIR,

2015, p. 162). Monique coloca seu marido acima de seus interesses pessoais, de modo que Maurice parecer ser parte dela. Sua ausência faz de sua vida um vazio:

Parece-me não haver mais nada a fazer. Agora, tricotar, cozinhar, ler, ouvir disco, tudo me parece vão. O amor de Maurice dava importância a cada minuto de minha vida. Ela está vazia. Tudo está vazio: os objetos, os instantes e eu (BEAUVOIR, 2015, p. 142).

Essa dedicação, esse esforço por querer enxergar a felicidade em sua vida, acaba por cegá-la em relação às mudanças que aconteciam bem debaixo do seu nariz. Com a doação de seu tempo, de seu amor, perde sua identidade, seu próprio eu. Diante disso, Monique se questiona: “Com toda objetividade, ‘quem sou eu?’” (BEAUVOIR, 2015, p. 136). Esse amor idólatra coloca o ser amado acima de todas as coisas. Quanto a isso, Beauvoir, em seu *O segundo sexo*, afirma: “o amor idólatra, o amor-abdicação é devastador: ocupa todos os pensamentos, todos os instantes, é obcecado, tirânico” (BEAUVOIR, 2016, p. 520).

O trabalho (externo) pode significar para muitas mulheres uma forma de se ocupar com atividades com que se identifiquem. Ele liberta a mulher do cárcere que pode se tornar o lar, permitindo que ela entre em contato com muitas pessoas e direcione seus pensamentos a outras coisas que não estejam voltadas ao casamento ou à criação dos filhos. Sobre o trabalho e a condição da mulher, a escritora-filósofa reflete: “quando a trabalhadora tiver na sociedade o lugar que deve ter [...] o trabalho ajudará poderosamente seu equilíbrio físico, evitando-lhe que dele se preocupe incessantemente” (BEAUVOIR, 2016, p. 526).

Questionamo-nos se tal fato colocaria a mulher em relação de igualdade com o homem, se assumir o trabalho a colocaria numa condição de liberdade e não de dependência e/ou sobrecarga. E essa dependência é a realidade de muitas mulheres. Quando as tarefas domésticas são somente responsabilidade dela, sem ajuda alguma do companheiro e ela ainda trabalha fora, o trabalho pode representar extrema fadiga e extra responsabilidade para a mulher. Isto posto, resulta que muitas mulheres acabam por desistir de suas carreiras profissionais, conforme observamos nas atitudes de Monique. E essa renúncia é feita não apenas pela exaustão, mas também por imposição do marido ou por uma “escolha” da mulher para servir ao homem.

Outro fato interessante que podemos observar nesse conto é que Monique e Noëllie, a amante, não entram em contato em momento algum, a não ser pelo fato de Monique a ter visto de mãos dadas com Maurice. A narradora, então, passa a investigar, querer saber mais, conhecer os motivos de Maurice estar preferindo a outra. Faz comparações e críticas: “Ela encarna tudo o que nos desagrada: o arrivismo, o esnobismo, o gosto pelo dinheiro, a paixão por aparecer” (BEAUVOIR, 2015, p. 95). Percebemos, nessa revelação da narradora, a crítica e o menosprezo em relação à amante, que é tida socialmente como a mulher

relegada ao pecado, a não digna, mas é a preferida pelos provedores do lar. Esse menosprezo pode ser entendido como dor disfarçada, como sentimento de injustiça. Somado a isso, entendemos que o sistema coloca a mulher contra outra mulher, mesmo sendo o homem o verdadeiro agente da traição.

Desta feita, a amante é caracterizada pela própria narradora como mais bela, mais jovem, independente, uma mulher com sua própria carreira. Além dessa autopunição, o marido ressalta o fato de a amante trabalhar fora, e critica o “não trabalho” da esposa: “as mulheres que não fazem nada não suportam as que trabalham” (BEAUVOIR, 2015, p. 106). Nessa situação específica, a naturalização da culpa feminina está escancarada. A realidade de que a mulher sempre é a culpada, seja pela amante “estragar” um relacionamento, seja pela esposa não ter seu trabalho doméstico reconhecido, ou mesmo pela culpabilização da esposa pela traição do cônjuge é bem evidente nesse trecho.

A questão da autopunição é vista por Castello Branco e Brandão (2004) como uma forma de adoecimento que o sistema do patriarcado, estruturado pela religião e pelo capitalismo, confere à mulher. A mulher se culpa e é culpada por tudo. O conto reitera essa culpa em ambas as mulheres do triângulo, de modo que o homem aparece como vítima, justamente em um relacionamento abusivo para ambas. Vale lembrar, ainda citando as críticas acima mencionadas, que a questão da traição feminina é tratada com severa punição à traidora (loucura, prisão ou morte), enquanto o amante é representado como o homem conquistador e viril, quando retratado em textos escritos por homens, a exemplo de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert.

Ainda hoje podemos encontrar mulheres que se submetem, como Monique, a um relacionamento manipulador e repressor, justamente pelo fato de entregarem tudo de si. Abrem mão de suas prioridades, seus desejos, sua identidade, inferiorizando-se e deixando que o homem assuma suas decisões, colocando, inclusive, em suas mãos a sua estabilidade emocional. Sabemos que isso é consequência de inúmeros fatores sociais: como a criação que é imposta pela religião e pelo Estado às filhas, muitas vezes exclusivamente destinadas ao casamento, sem estímulo ao estudo ou à independência financeira e/ou emocional, e como o patriarcado, que não aceita que as mulheres trabalhem ou recebam mais que os homens. Tudo isso ainda influencia e impede que a sociedade atinja a igualdade de gênero. Beauvoir (2016, p. 544) afirma que:

A disputa durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes, isto é, enquanto se perpetuar a feminilidade como tal; quem, dentre eles, mais se obstina em a manter? A mulher que se liberta dessa feminilidade quer, contudo, conservar-lhe as prerrogativas; e o homem exige então que lhe assumam as limitações. [...] Em verdade, se o círculo vicioso é tão difícil de desfazer, é porque os dois sexos são vítimas ao mesmo tempo do outro e de si mesmos; entre dois adversários defrontando-

se em sua pura liberdade um acordo poderia facilmente estabelecer-se ainda mais porque essa guerra não beneficia ninguém.

Homens e mulheres têm papéis sexuais preestabelecidos pelo patriarcado. A luta feminista existe há séculos para combater a opressão sexista e de gênero. Porém, o homem não reconhece que tem privilégios e recusa abrir mão de um sistema que o beneficia, haja vista ser uma estrutura que retroalimenta o capitalismo e envolve outras questões que, pós-1970, passaram a ser incorporadas nas discussões, devido às pautas levantadas por mulheres negras que questionam e impõem enfrentamento aos privilégios de classe e de raça de homens e mulheres brancas (em contexto brasileiro, vide Gonzalez (1984)). Quanto ao problema dos privilégios dos homens, Beauvoir (2016, p. 545) comenta:

Quanto tempo e quantas forças [o homem] desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Ele seria libertado libertando-as. Mas é precisamente que receia. Obstina-se nas mistificações destinada a manter a mulher acorrentada.

A luta feminista deve se manter forte e ostensiva para minimizar as grandes superestruturas que ainda beneficiam homens e oprimem mulheres. Embora pareça utópico acreditar na igualdade de gênero, o fato de mulheres terem conquistado alguns direitos já é motivo para se manter na luta. A esse respeito, Beauvoir (2016) atesta que se houvesse laços de fraternidade entre ambos os sexos, a liberdade seria possível para ambos. E juntamente com a liberdade viria a possibilidade de felicidade.

Estamos caminhando a passos curtos rumo a essa liberdade e independência da mulher. Ainda falta muito a ser desmitificado, pois ainda existe muito tabu. O poder não é entregue à mulher gratuitamente, e quando há conquista, não há garantia, pois basta uma crise econômica para os direitos das mulheres serem fragilizados, como observa Beauvoir (2016). Se, em sua educação, as meninas fossem estimuladas à autonomia, como ocorre com a educação dos meninos, elas se tornariam adultas mais seguras de si, confiantes e com pretensões outras que apenas o casamento e a maternidade.

Não queremos aqui demonizar o casamento, mas essa instituição tem sido, para muitas mulheres, motivo de frigidez, depressão, diminuição e submissão (BEAUVOIR, 2016). O casamento pode ser uma união em que o homem e a mulher possam ter a liberdade de ser o que quiserem, sem hierarquização de gênero. Uma vida a dois não deveria ser uma carga de servidão, nem de perda da identidade da mulher, e sim uma troca de afeto, companheirismo, amizade etc.

Conforme Beauvoir (2016, p. 273), “antes de ser uma esposa e mãe, precisa tornar-se uma pessoa”. A construção da personalidade de um ser humano acontece gradativa e conjuntamente com o desenvolvimento da pessoa humana. E sabe-se que todos os fatores

externos e internos são de extrema importância para essa construção. Ao contrário, na subjugação da mulher no casamento, por exemplo, o direito da mulher de existir é negado e a mulher passa a ser coisificada, portanto, como pertencente a um proprietário.

O que deve ficar claro é que essa luta não é pela busca da superioridade das mulheres sobre os homens, nem pela diminuição destes, mas pela igualdade. Assim,

A mulher livre está apenas nascendo; quando se tiver conquistado, talvez justifique a profecia de Rimbaud: “Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-a libertado do homem – até agora abominável – ela será também poeta!” (BEAUVOIR, 2016, p. 539).

A busca, portanto, é por equidade entre homens e mulheres de acesso aos meios culturais na sociedade.

O conto de Simone de Beauvoir aqui analisado traz muitos outros aspectos a serem discutidos, além dos já expostos. Quando se chega ao fim, o momento em que Monique realmente percebe que ela pode tomar o controle de sua vida e mudar sua realidade representa uma catarse quanto ao sofrimento relatado em toda a narrativa e oferece uma oportunidade de esperança na luta pela conquista de direitos e de liberdade. Monique literalmente decide que o seu futuro está do outro lado da porta e somente ela pode decidir se vai abrir ou não a porta para um novo futuro.

Nesse momento seus escritos já não são intitulados com os dias da semana, apenas números e meses, como se os dias não importassem mais, o que remete à ideia de que a escrita liberta. As mulheres devem tomar seus postos e escrever suas histórias, como diria Hélène Cixous (2009, p. 417):

Mulheres devem escrever através de seus corpos, devem inventar a linguagem inexpugnável que destruirá divisórias, classes, retóricas, regulamentos e códigos, eles devem submergir, atravessar, ir além do máximo [...], inclusive aquele que ri da própria ideia de pronunciar a palavra “silêncio”, aquele que, visando o impossível, para pouco antes da palavra “impossível” e escreve-a como “o fim”.

Se a independência feminina depende de um impulso e esse impulso for a quebra de silêncio, pois que seja! Que elas usem suas vozes, seus corpos, sua escrita, sua alma para gritar sua emancipação.

4. Considerações finais

Consideramos importante ressaltar que abordamos aqui apenas uma perspectiva feminista, que privilegia a mulher branca, cis, heterossexual e de classe média em

detrimento de mulheres negras, lésbicas, trans e periféricas. Simone de Beauvoir foi uma mulher branca, pertencente a um grupo de intelectuais na França do século XX. Portanto, seu lugar de enunciação, a despeito da opressão das mulheres, deve ser considerado privilegiado em relação a tantas outras mulheres. De qualquer forma, resguardamos aqui a voz de Beauvoir como potente e capaz de erguer outras vozes, muitas vezes libertárias e que inspiraram e ainda inspiram muitas outras mulheres.

Ler Simone de Beauvoir (que aborda sobre inúmeros aspectos femininos, desde o nascimento, criação, desenvolvimento, relação entre mãe e filha, adolescência e descobrimento do próprio corpo, até casamento, maternidade e velhice) pode suscitar nas mulheres o sentimento de que elas não estão sozinhas, de que outras mulheres dividem experiências em comum. No caso de Monique, percebemos fases no processo de emancipação da narradora-personagem.

A primeira fase, do silenciamento e da reprodução de valores impostos pelo patriarcado, condiz com a criação das filhas e a decepção com a filha “desviante”. A segunda fase, por sua vez, condiz com a autocastração e a autopunição ao se deparar com a traição do marido, quando Monique passa do sentimento de rivalidade com a amante para a autodepreciação e autoculpabilização, reafirmada pelo marido. A terceira fase, por fim, condiz com a emancipação, quando Monique se permite, pela primeira vez, abrir as portas e encontrar seu caminho, saindo da sombra do marido e do confinamento do lar que a esvaziou. A leitura de Simone de Beauvoir, portanto, pode ser literalmente transformadora. Folhear seus livros e deparar com suas palavras, que dizem tanto a respeito da experiência das mulheres, promove, certamente, uma nova visão de mundo.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *A mulher desiludida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CASTELLO BRANCO, Lucia; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.
- CIXOUS, Hélène. The laugh of Medusa. In: WARHOL, Robyn; HERNDL, Diane. *Feminisms redux: an anthology of literary theory and criticism*. New Brunswick: Rutgers University, 2009. p. 411-418.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p.129-160.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. ANPOCS, São Paulo, 1984. p. 223-244.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noranha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela Côrrea. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- RICH, Adrienne. When we dead awaken: writing as re-vision. In: HALL, Donald (org.). *Claims for poetry*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1982. p. 123-127.
- SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. New York: Princeton University Press, 1977.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em 19 de Abril de 2023

Aceito em 04 de Maio de 2023